

A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA SEXUALIDADE: PORQUE ELA AINDA É UM TABU?

Recebido em: 02/06/2023

Aceito em: 03/07/2023

DOI: 10.25110/educere.v23i2.2023-002

Andréia de Souza ¹
Gisele Monteiro Gagliotto ²

RESUMO: O presente artigo é resultado de uma pesquisa de cunho qualitativo e bibliográfico, realizada através de um levantamento de bibliografias já apresentadas em livros, artigos e teses, tendo como objetivo central tratar da história da sexualidade, em como ela vem se constituindo até os dias atuais e porque ela ainda é vista por muitas pessoas da sociedade ocidental como um tabu. Assim, cientes da importância que tem a sexualidade no processo de desenvolvimento do ser humano, este artigo justifica-se pela relevância em mostrar para a sociedade que muitos tabus que ainda permanecem quando o assunto é sexualidade vem com a história que traz consigo crenças e valores enraizados que precisam ser desmistificados para que a sexualidade possa ganhar mais espaço na sociedade, minimizando resistências e pré-conceitos.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade; História; Tabu.

THE HISTORICAL CONSTRUCTION OF SEXUALITY: WHY IS IT STILL A TABOO?

ABSTRACT: This article is the result of a qualitative and bibliographic research, carried out through a survey of bibliographies already presented in books, articles and theses, with the main objective of dealing with the history of sexuality, how it has been constituted until today and why it is still seen as a taboo by many people in Western society. Thus, aware of the importance of sexuality in the process of human development, this article is justified by the relevance of showing society that many taboos that still remain when the subject is sexuality come from history, which brings with it deep-rooted beliefs and values that need to be demystified so that sexuality can gain more space in society, minimizing resistance and preconceptions.

KEYWORDS: Sexuality; History; Taboo.

LA CONSTRUCCIÓN HISTÓRICA DE LA SEXUALIDAD: ¿POR QUÉ SIGUE SIENDO UN TABÚ?

RESUMEN: Este artículo es el resultado de una investigación cualitativa y bibliográfica, realizada a través de un relevamiento de bibliografía ya presentada en libros, artículos y tesis, con el objetivo principal de abordar la historia de la sexualidad, cómo se ha constituido hasta nuestros días y por qué aún es vista como un tabú por muchas personas en la sociedad occidental. Así, consciente de la importancia de la sexualidad en el proceso de desarrollo humano, este artículo se justifica por la relevancia de mostrar a la sociedad que muchos tabúes que aún permanecen cuando el tema es la sexualidad provienen de la

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Centro Universitário de Pato Branco (UNIDEP). E-mail: andreiasouza.psicologa@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: giseligagliotto@gmail.com

historia, que trae consigo creencias y valores muy arraigados que necesitan ser desmitificados para que la sexualidad pueda ganar más espacio en la sociedad, minimizando resistencias y preconceitos.

PALABRAS CLAVE: Sexualidad; Historia; Tabú.

INTRODUÇÃO

Para falar em sexualidade, é preciso inicialmente estabelecer a diferença entre sexo e sexualidade, uma vez que, comumente, sexo e sexualidade são entendidos como sinônimos, atrelados ao sujo, ao feio e ao pecaminoso.

Entretanto, podemos esclarecer que sexo e sexualidade se complementam, mas não se fazem sinônimos, pois como bem trata Nunes (1987)

É possível entender sexo como a marca biológica, a caracterização genital e natural, constituída a partir da aquisição evolutiva da espécie humana enquanto animal. Já a sexualidade é um conceito cultural, constituído pela qualidade, pela significação do sexo. Nesta definição, somente a espécie humana ostentaria uma sexualidade, uma qualidade cultural e significativa do sexo (p. 66).

Neste sentido, a sexualidade compreende aspectos biológicos, psicológicos e subjetivos, pois além do ser humano ser formado por um corpo, ele também se forma e se desenvolve pelas suas emoções, desejos e sentimentos que fazem parte e constituem as relações humanas e que precisam ser discutidas pela forma que muitas vezes é compreendida (FIGUEIRÓ, 2009).

Assim sendo é de extrema importância, compreender que apesar da sexualidade ser difundida em aspectos biológicos, ela jamais se restringirá somente a isso, pois como ensina Figueiró (2009, p.163).

A sexualidade [...] é o resultado da interação entre o mundo interno e externo, isto é, entre a nossa subjetividade e a organização social. Ela envolve um processo contínuo e nem sempre linear de aprendizado e reflexão por meio do qual elaboramos a percepção de quem somos e do que somos, processo esse que se desdobra em meio a condições históricas, sociais e culturais específicas. Nascermos com um sexo biológico. Todo o resto se constrói e vai se formando ao longo da vida.

Desta forma, no processo de construção da sexualidade, surgem conceitos e pré-conceitos que acabam por apresentar uma visão hegemônica do que é sexualidade, trazendo com ela, valores, normas, medos, vergonha, dentre outras formas de ver, ouvir e vivenciar a sexualidade, que é determinada pelo momento histórico que vivenciamos, bem como pelos interesses sociais, políticos e econômicos.

Cabral e Romeiro (2011, p. 97) destacam que a repressão sexual é uma forma de expressão do tabu na sociedade contemporânea. E isso significa que tratar sobre sexualidade é um grande desafio, exatamente por muitas pessoas não se sentirem confortáveis em falar sobre o assunto.

Neste sentido devemos ressaltar a importância tanto da escola, quanto da família em dialogar com seus filhos sobre a temática desde cedo, tratando deste tema com naturalidade e consciência, visto que é algo natural de todo ser humano, uma vez que repassar informações assertivas sobre a sexualidade é um grande passo para a sociedade começar a compreendê-la de forma natural, sem medos, vergonha e tabus (SANTOS, 2013).

Entretanto Nunes (1987) comenta que atualmente as pessoas falam mais livremente sobre a sexualidade, apesar de ainda existirem mecanismos de controle e repressão, bem como ignorância e incompreensão sobre o assunto.

Desta forma salientamos aqui a importância de conhecer a história da sexualidade, pois assim é possível compreender porque essa temática ainda é rodeada de tabus que a fazem ficar silenciada, visto que devemos mostrar que a sexualidade deve ser dialogada e mais do que isso entendida como um processo que faz parte do desenvolvimento do ser humano e que apesar de sua história ter sido constituída em meio a muitas restrições, ela continua sendo um assunto muito importante para o desenvolvimento do ser humano.

Pois quando falamos de sexualidade, falamos de um assunto abrangente e que deve sempre ser tratado com muita seriedade, visto que este artigo se justifica pela possibilidade que todos possuem em conhecer a história da sexualidade e assim compreender e porque ela é vista como um tabu e se for possível como cita nosso querido Nunes (1987, p.11)

[...] ao menos despertar a sensibilidade para a riqueza da sexualidade humana, relativizar nossos dogmatismos anacrônicos e históricos que as vezes são tão fortes e vigentes e abrir um diálogo, trazer a sexualidade ao status do “permitted”, do humano [...].

Ou seja, normalizar o diálogo sobre a sexualidade na tentativa de informar que sim a repressão, o silêncio, a proibição e o temor já fizeram parte dessa história, mas que agora a sexualidade já passou por muitas evoluções sociais e cada vez mais o diálogo e a reflexão sobre a sexualidade humana se tornam necessária, visto que as novas gerações já trouxeram grandes transformações na compreensão e vivência da sexualidade.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

- Compreender como a sexualidade foi se constituindo ao longo de sua história.

Objetivos Específicos

- Contextualizar historicamente a sexualidade.
- Analisar como a sexualidade foi sendo vista durante o percurso da sua história.

METODOLOGIA

Para este artigo fizemos uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, realizando buscas sobre a questão aqui determinada em materiais já existentes como livros e artigos, bem como em plataformas digitais como a SCIELO e BTDS (Biblioteca de Teses e Dissertações), com o intuito de buscar informações assertivas sobre a história da sexualidade.

Visto que, conforme cita Silva (2015) a pesquisa bibliográfica

Trata-se do levantamento da bibliografia já publicada sobre o assunto de interesse, em forma de livros, revistas, periódicos, publicações avulsas, veiculados na internet ou por meio da imprensa escrita. A pesquisa bibliográfica objetiva colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito sobre determinado assunto, com a finalidade de colaborar na análise de sua pesquisa (p.83).

Uma vez que, a partir da pesquisa bibliográfica além do pesquisador acessar os dados que já existem sobre seu objeto de estudo, é possível compreender e conhecer ainda melhor o que se pretende pesquisar, propiciando ao pesquisador novos olhares para aquilo que se deseja pesquisar.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Construção Histórica do Conceito de Sexualidade

Nunes (1987) em seu livro *Desvendando a sexualidade* explana o seguinte trecho:

[...] “falar sobre sexualidade implica retomar alguns recursos metodológicos: a história, a antropologia, a moral e a evolução social. Não se fala da sexualidade de maneira fragmentada, dividida, estanque. As relações sexuais são relações sociais, construídas historicamente em determinadas estruturas,

modelos e valores que dizem respeito a determinados interesses de épocas diferentes” (p.15).

Trazendo à tona que a sexualidade em seus aspectos gerais foi construída historicamente pelas relações sociais, através de normas, valores e regras estabelecidas historicamente e culturalmente. Por isso, não há como entender a sexualidade sem falar destes aspectos que fazem parte da sua trajetória história.

Gagliotto (2014) afirma que é a apropriação histórica e social da sexualidade humana que possibilita compreendê-la como dialética, construída a partir das contradições políticas e econômicas, antropológicas e sociais (p.50). E esta afirmação nos move a descrever aqui as ricas contribuições da história sobre a construção da sexualidade.

Desta maneira, abordaremos alguns dos períodos históricos que estiveram entrelaçados na construção da história da sexualidade, partindo do pressuposto de que a antiguidade contribuiu significativamente e até os dias atuais contribui para a compreensão de sexo e sexualidade (GAGLIOTTO, 2014).

Neste sentido Gagliotto (2014) descreve “que as primeiras ideias sobre sexo e sexualidade se formaram na mitologia e até os dias atuais refletem nossos valores e preceitos sexuais – nossas atividades humanas” (GAGLIOTTO, 2014, p.12).

Exatamente porque os mitos desempenharam um papel importante na história da humanidade e apesar das modificações advindas do tempo, os mitos ainda estão vivos e fundamentam muitos os comportamentos dos homens (ELIADE, 1972).

Pois como muito bem esclarece Gagliotto (2014) “o mito e o tabu de uma sexualidade velada estão presentes nas representações contemporâneas das sociedades ocidentais e igualmente na cultura do povo brasileiro” (p. 26-27). Isso porque a cultura contemporânea reflete significativamente a cultura dos povos ocidentais que vislumbravam a sexualidade cheia de representações, significações e controle.

Deste modo, observa-se que a primeira compreensão da sexualidade se deu de forma mística, onde essa era considerada como semidivinizada e assim percebida como sagrada e as mulheres de maneira central possuíam uma condição de poder, sendo extremamente veneradas. Justamente pelos homens divinizarem o corpo da mulher, acreditando que algo misterioso e mágico envolvia a fecundação (GAGLIOTTO, 2020).

Assim por esta condição dado as mulheres, existia o culto à fertilidade que como Nunes (1987) situa que

A representação simbólica desses cultos manifestava-se pela veneração das partes sexuais femininas, mas especificamente a vagina, representada por um triângulo (p.52).

Pois nesta época tudo era muito representado de maneira mística (misteriosa), e o sexo era visto como algo sagrado, religioso (GAGLIOTTO, 2020).

Ainda em Nunes (1987) encontramos que

A exaltação e a divinização do sexo feminino podem ser explicadas pela falta de relação adequada, na mente do homem primitivo, entre causa e efeito da fecundação, desconhecimento da paternidade e da relação entre ato sexual e a gravidez pela falta de adequada noção de tempo. Entre tantas explicações afirmasse que esse fato seja um dos princípios explicativos da matrilinearidade. [...] uma matrilinearidade baseada no desconhecimento da paternidade [...] (p.52-53).

Ou seja, nesta época, o homem não possuía conhecimento da sua importância como um fenômeno também essencial para a constituição da vida. Mas esta condição matriarcal permaneceu até a revolução agrícola (5.000 anos a. C.), onde o patriarcado começou a tomar forma e as mulheres foram usurpadas pelos homens que instauraram um poder exercido por meio do modelo da sociedade patriarcal que se mantém, salvaguardando algumas especificidades, até os dias atuais (GAGLIOTTO, 2020, p. 14).

Neste período o sexo então perde seu caráter mítico e começa a ser mais “racionalizado”, mais conhecido e controlado (NUNES, 1987, p.54). Pois, após uma nova forma de organização social, o relacionamento sexual passou a ser atividade exclusiva entre homens e mulheres para que tivessem filhos e estes pudessem ser seus herdeiros.

Deste modo Gagliotto (2020, p. 14) ensina que nessa organização familiar, o sexo tinha como objetivo a reprodução; as mulheres eram submissas e fiéis sexualmente aos seus maridos. De acordo com Nunes (1987) sobre a história da sexualidade, na idade antiga tiveram três sociedades patriarcais que mais tiveram influência na cultura ocidental: *Os Hebreus* – os quais criaram a bíblia para organizar a sociedade e definiram a mulher com um ser inferior diante do homem, dando a este o privilégio de exercer o patriarcado. Exatamente como Nunes (1987) descreve

Os hebreus, cuja fonte histórica de conhecimento é a bíblia, tem um Deus concebido como “homem”, senhor e primeiro patriarca, exigente de fidelidade exclusiva e juiz implacável. A mulher é inferiorizada, impura, não participa do sacerdócio, [...] nem frequenta o centro do templo. [...] A mulher é tida como “propriedade” do homem e encontra-se no mesmo estado dos servos e dos bois e jumentos, que eram animais valiosos. [...] A mulher é tida como “auxiliar do homem” [...] e deve permanecer sob seu domínio e serviço. (p.68).

Demarcamos, também, a cultura dos *Romanos* – que como a do Hebreus também teve grande influência na cultura do patriarcado; nesta cultura o matrimônio era realizado através de um contrato, em que a mulher tinha um preço, que era denominado como dote e diante desta condição, deixava de ser propriedade do pai, para ser propriedade do marido (GAGLIOTTO, 2020).

Nunes (1987) destaca que nesse período

Tudo se arranjava sem ouvir a moça, era um negócio entre os pais, entre homens. Depois que o homem pagava o “preço da noiva” ela era sua propriedade e ele, o seu dono. O marido devia sustentar a esposa e o fim imediato do casamento era gerar filhos, que eram tidos com bênçãos de Deus e sinais de riqueza e abundância. A poligamia era regra comum, e havia severas leis de normatização sexual (p.68).

E por último os *Gregos* – que criam a tradição filosófica, escolar, jurídica e pedagógica. Para esta cultura, a reprodução também era a ação mais importante na relação do casamento, isso porque havia a necessidade de muitos homens para participarem das guerras e assim conquistarem cada vez mais territórios.

Gagliotto (2020), assevera que nesta época

As meninas eram educadas para as tarefas domésticas e preparadas para se casarem logo após as primeiras menstruações e geralmente com homens mais velhos. Os meninos, ao contrário, eram desestimulados ao casamento antes dos vinte e um anos de idade e igualmente desestimulados da prática da masturbação, pois se acreditava produzir fraqueza e perda de forças (p.16).

Assim, o ideal para este período era a mulher manter-se em sua casa e assim fazer todas as vontades de seu marido, o senhor da casa. E os homens prepararem-se para as guerras. Uma vez que um dos aspectos da educação do homem grego, estava voltado para o fortalecimento do corpo, na escola de ginástica, por meio da dança e de lutas que se caracterizavam como rituais religiosos e ou preparatórias para as guerras (GAGLIOTTO, 2020, p. 16).

Visto então, a constituição da sexualidade em suas raízes desde a antiguidade, partimos para a idade média na qual o cristianismo passa a ser a religião oficial do império no século IV e engrenar ainda mais a desvalorização da mulher, a repressão sexual, bem como o controle, o pecado e a culpa. A idade média construiu uma visão extremamente negativa da sexualidade, “a qual foi disseminada por Santo Agostinho um dos teóricos deste período (354-430 séc. IV) que pregava esta visão negativa e a vinculava como perigo, como uma ameaça para o corpo e a alma” (GAGLIOTTO, 2020, p. 18).

Nunes (1987) ensina que

Para Santo Agostinho, que carrega em sua doutrina um forte acento maniqueísta, e cuja obra resume toda a moral sexual dos Santos Padres, a sexualidade é uma qualidade má, fruto do “pecado” do homem, o casamento tem o fim único de procriação e todo ato sexual é pecaminoso fora desse propósito (p.83).

Ou seja, para ele o único meio para justificar a sexualidade, seria através da procriação, condenando toda relação além desse percurso. Com o cristianismo se faz uma grande interdição da sexualidade, pela imposição da monogamia e atribuição de que a sexualidade teria somente uma função, a de reprodução, desconsiderando completamente o prazer sexual, que era interpretado como mal, devendo assim o evitar (FOUCAULT, 2004). A sexualidade era, intimamente, relacionada ao pecado e por consequência à castidade perpétua. Mas devemos considerar o real papel do cristianismo citado por Foucault (2004)

[...] Não, portanto, interdição e recusa, mas colocação em ação de um mecanismo de poder e de controle, que era ao mesmo tempo um mecanismo de saber, de saber dos indivíduos, de saber sobre os indivíduos, mas também de saber dos indivíduos sobre ele próprios e em relação a eles próprios. Tudo isso constitui a marca específica do cristianismo, e creio que é nessa medida que se pode fazer uma história da sexualidade [...] (p.72).

Assim, o cristianismo, trouxe com ele, mecanismos de poder. Poder este, que Foucault denomina como poder pastoral, onde o principal objetivo era controlar a sociedade, pois como bem expressado por ele, um pastor precisa saber por onde andam suas ovelhas ((FOUCAULT, 2004).

Diante disso, a igreja com sua conduta de poder, interessada em combater a sexualidade desde seus primórdios, estabelecia limites para impedir que as pessoas vivessem a sua sexualidade. De acordo com a doutrina cristã, nos planos de Deus está em fazer uso da sexualidade para o desenvolvimento de novas vidas (procriação) e não para algo que fugisse deste objetivo. Para Nunes (1987), na civilização cristã, o corpo é o lugar da maldade demoníaca, “cárcere da alma”. Dominar o corpo e reprimir o sexo constitui ideal de vida cristã. [...] Nesta mentalidade cristã o sexo está preso a ideia de pecado, de “sujeira”, de maldade (p.55).

Desta forma, para controlar seus fiéis, a igreja inseriu a prática da confissão como forma de descobrir o que os fiéis de sua doutrina escondiam sobre suas vidas pessoais, especificamente sobre suas sexualidades. Gagliotto (2009) explica que

[...] a confissão era uma estratégia do poder clerical para controlar a sexualidade, procurando reduzir cada vez mais o seu sentido e direcionando-a exclusivamente para a procriação. [...] Assim, a confissão constitui um ritual que produz a verdade dentro de uma relação de poder, procurando reduzir, afunilar e aprisionar toda e qualquer situação de prazer (p. 49-50).

Todo e qualquer ato que desviasse à procriação, era visto como crime, pecado e relação negativa, que como citado por Foucault (2004) “traz traços de rejeição, exclusão, recusa, barragem ou, ainda, ocultação e mascaramento” (p.91). Isso porque o discurso de poder da igreja enuncia uma instância de regra, instaurando temor aos seus fiéis no sentido de manter o controle dos atos dos que seguiam a doutrina. Assim, na tentativa de buscar a salvação o cristão que seguia a doutrina de forma rigorosa, seguia o ritual imposto pela igreja e requeria a confissão para livrar-se de suas falhas. Neste sentido, Foucault (2004) escreve que

[...] a confissão é um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito enunciado; é, também um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar; um ritual onde a verdade é autenticada pelos obstáculos e pelas resistências que teve que suprir para poder manifestar-se; enfim um ritual onde a enunciação em si, independentemente de suas consequências externas produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe a salvação (p.69).

Entretanto, podemos considerar que por muito tempo a confissão permaneceu e permanece como um rito da igreja, no mundo contemporâneo. Mesmo na tentativa de manter o controle na atual sociedade, a igreja não consegue mantê-lo em sua totalidade. Pois como muito bem relata Nunes (1987)

[...] na idade média, podemos dizer que não havia ainda um controle total da sexualidade. Entre as classes populares proliferavam as relações primárias, comunitárias. As casas não tinham quartos separados entre homens e mulheres. A linguagem da sexualidade era rica e picante, músicas, piadas, formas de expressão. Todo o esforço da igreja não fora capaz de enquadrar o materialismo das camadas populares. Sexo com animais, sexo entre clérigos, tudo isso era proibido e praticado (p.87).

Isto é, mesmo com tantas imposições da igreja frente às questões da sexualidade, muitos atos considerados interditos ainda eram praticados desde aquela época.

A modernidade se caracteriza como um período de muitas transformações no campo social, político, cultural e econômico, produzidas por uma nova concepção de homem e natureza que resultam em uma nova compreensão de mundo e de sociedade

(GAGLIOTTO, 2020, p.22). Neste período o rigor sobre a sexualidade passa a ser muito maior que na idade média, pois aqui toda a energia precisava ser inibida, para ser despendida na produção do trabalho. Menin (2017) salienta que

Neste período, as questões referentes à sexualidade começam a ser ligadas ao Capitalismo e à sua lógica de produção, e, para tanto, era necessário inibir o prazer sexual para que toda energia produzida no corpo fosse deslocada ao trabalho alienado, gerando um acúmulo de capital (p.28).

Deste modo, um conjunto de regras é estabelecida na sociedade, mas agora também por outras vertentes além da igreja, como a família, a escola, o poder público, que por vezes possuem visões distintas sobre a sexualidade, mas que possuem também valores arraigados sobre a sexualidade.

Para Gagliotto (2020), a modernidade

Produziu uma nova síntese da sexualidade, tendo como concepção predominante a perspectiva *médico-higienista* que se preocupou sobremaneira com a descrição e constituição anatômica e fisiológica dos órgãos sexuais, suas funções procriativas e doenças sexualmente transmissíveis (p.24).

Isto é, a constituição fisiológica do corpo era tão importante que investia-se nele em razão de que, o ideal educativo característico da modernidade foi legitimado pelo discurso da saúde e da preparação do corpo para o trabalho (GAGLIOTTO, 2020, p.25). Somente na modernidade é que a sexualidade volta a se objeto das ciências humanas, retornando com uma dimensão humanista a partir de alguns autores como Engels, Freud, Figueiró, Nunes, Silva, Gagliotto, dentre tantos outros que refletem sobre a história da sexualidade e a partir da dialética existente nesse contexto.

Em virtude desse cenário, a educação sexual passou a ser inserida no contexto escolar (meados do século XVIII) que como Silva (2001) retrata a proposta é que a escola agregue com seus saberes científicos este objeto tão importante para o conhecimento do homem que é a educação sexual.

Inicia-se então o período da pós-modernidade, que deixa de focar no corpo produtor para focar no corpo consumidor, ou seja; um novo modelo de relação com a sexualidade começa a se propagar e essa passa a ser vista como mercadoria, uma vez que o corpo virou “o mais belo objeto de consumo” (MAROUN E VIEIRA, 2008, p. 181)”.

Neste período então o capitalismo entra em cena e o que importava era o corpo consumista, ou seja o próprio capitalismo acabou produzindo a mercantilização da

sexualidade e o sexo virou mercadoria que poderia ser comprado e vendido, como outro produto qualquer (GAGLIOTTO, 2020).

Desta forma o homem se submetia a sexualidade com a falsa ideia de liberdade e poder, mas a verdade é que a sexualidade era totalmente mecânica e deserotizada. Voltando então para as ciências humanas somente na contemporaneidade, momento em que a sociedade se preocupou com as questões biológicas da sexualidade prevalecendo fortemente até os dias atuais.

Assim, observamos que toda a história da sexualidade se fez de maneira dialética, ou seja houve um caminho entre diferentes ideias e compreensões do que é a sexualidade para então chegarmos nos dias atuais e termos uma compreensão cada vez maior sobre o que é a sexualidade, bem como nos faz entender o porquê das diversas incompreensões que ainda se fazem presente de discurso de muitos sujeitos em nossa sociedade.

CONCLUSÕES

A sexualidade é uma construção histórica, cultural e social. Ao analisarmos a história da sexualidade, pudemos observar o quanto esta foi vista de forma negativa que reflete até os dias atuais. Não podemos negar na atualidade, os tabus, os preconceitos, os mitos e outros aspectos, que ainda causam resistências quando o assunto é sexualidade.

E se ela ainda é vista como um tabu é exatamente pela própria história que nos dias atuais ainda contam com resquícios de uma época em que ela era vista com mais força como um assunto perigoso, pecaminoso, vergonhoso e proibido.

Mas como trouxemos no percurso de nossa pesquisa a sexualidade passou por muitas transformações no decorrer de sua história e ao chegarmos na atualidade percebemos o quanto é necessário a desmistificação destes determinantes tabus que rondam a sexualidade para a busca de uma liberdade da expressão sexual, bem como da própria individualidade de cada ser humano.

A sexualidade foi e ainda é reprimida. Embora hoje encontremos muitos canais de informação sobre sexualidade, muitos deles estão distantes de uma leitura histórica, ética e emancipatória. Daí a necessária busca através de pesquisas científicas que possam, além de informações, trazerem formação humanista acerca da sexualidade através de laços de compreensão e respeitabilidade às formas de vivências sexuais.

E como Gagliotto (2009) relata a análise da história da sexualidade nos possibilita compreender as diversas contradições existentes neste assunto, visto que a história nos apresenta as inúmeras formas e contornos que a sexualidade foi ganhando em seu

percurso. E conhecer mais profundamente a história de algo tão presente em nossa condição humana como a sexualidade, minimiza significativamente a incompreensão e ignorância sobre a temática.

Desta forma compreendemos que os resultados desta pesquisa, os quais mostraram que a história da sexualidade tem forte influência em ela ainda ser reprimida por muitos na sociedade atual, possui caráter significativo para revelar também que a história teve transformações e quem constrói história e faz transformações somos nós seres humanos, os quais temos então a oportunidade de transformar as novas gerações para uma expressão sexual com liberdade, autonomia e responsabilidade, sem tabus e preconceitos.

O que nos mostra novas possibilidades de pesquisa, principalmente no que diz respeito às novas gerações, em como enfrentam a sexualidade que ainda é expressada por muitas pessoas de forma estereotipada e equivocada.

REFERÊNCIAS

- CABRAL, R.; ROMEIRO, A. **Sobre a sexualidade controlada: poder e repressão sexual em Michel Foucault**. Educação, Batatais, v. 1, n. 1, p. 87-106, 2011.
- DA SILVA, Maria Leticia Miranda Barbosa. O materialismo histórico e sua influência na teoria histórico-cultural. *Tramas para Reencantar o Mundo*, n. 1, 2015.
- ELIADE, Mircea. Mito e realidade. São Paulo: Perspectiva, 1972. Estatuto da criança e do adolescente. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.
- FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual: em busca de mudança**. Londrina: UEL, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber (1926-1984)**. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra 2020.
- FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2004.
- GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. **A educação sexual na escola e a pedagogia da infância: Matrizes Institucionais, Disposições culturais, Potencialidades e Perspectivas Emancipatórias**. Campinas/SP. 2009.
- GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. **A educação sexual na escola e a pedagogia da infância: Matrizes Institucionais, Disposições culturais, Potencialidades e Perspectivas Emancipatórias**. Jundia. Paco editorial: 2014.
- GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. **Sexualidade, educação sexual, pedagogia e formação de professores: aspectos filosóficos, culturais, históricos e institucionais**. 1.ed – Curitiba: **Brasil Publishing**, 2020.
- MAROUN, Kalya; VIEIRA, Valdo. **Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade**. Psicologia em Revista, v. 14, n. 2, p. 171-186, 2008.
- MENIN, Franciéle Trichez et al. **Sexualidade, adolescência e educação sexual a partir dos quereres e poderes da internet**. 2017.
- NUNES, César Aparecido. *Desvendando a Sexualidade*. SP: Papirus, 1987.
- SANTOS, A. C. da S.; SÉCULO, A. B.; FREITAS, I. O.; SILVA, D. F. da. SIMÕES, V. A. P. Sexualidade: **“Pais que não educam, escolas que não orientam e filhos e alunos com libertinagem”**. EDUCERE - Revista da Educação, Umuarama, v. 13, n. 2, p. 213-222, jul./dez. 2013.
- SILVA, Edna Aparecida da. Filosofia. **Educação e Educação Sexual: matrizes filosóficas e determinações pedagógicas do pensamento de Freud, Reich e Foucault para a abordagem educacional da Sexualidade Humana**. 2001. 300 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.